



## **Uma análise da comunicação estratégica no processo de produção de cafés sustentáveis e com qualidade por indígenas de Rondônia**

### **An analysis of strategic communication in the production process of sustainable and quality coffee by indigenous people from Rondônia**

*Renata Kelly da Silva*

#### **Resumo**

Este estudo trata de uma análise do processo de comunicação adotado nos trabalhos desenvolvidos pela Embrapa e parceiros na produção de cafés Robustas Amazônicos por indígenas no Estado de Rondônia, com foco na sustentabilidade e qualidade. Trata-se de uma descrição e também de uma revisão bibliográfica sobre a temática, tendo como base autores como Juan Bordenave e Sandra Massoni, entre outros, com o objetivo de analisar as práticas comunicacionais adotadas e que levaram em conta a complexidade e as incertezas do ambiente, promovendo constante interação com os atores envolvidos. Foram empregadas perspectivas dinâmicas e interativas no âmbito da comunicação, com visão global das ações, com foco na melhoria da produção e qualidade da cafeicultura indígena do estado de Rondônia. Assim como buscaram trabalhar quebras de paradigmas, conhecimento e valorização: da cultura indígena, do café e da Amazônia.

#### **Palavras-chave:**

Cafeicultura indígena, comunicação estratégica, Robusta Amazônico

#### **Abstact**

This article deals with an analysis of the communication process adopted in the works developed by Embrapa and partners in the production of Amazonian Robust coffee by indigenous people in the State of Rondônia, with a focus on sustainability and quality. The methodology used in this article is the bibliographic review, based on the authors Bordenave, Massoni, among others, used in order to analyze the communicational



practices adopted and that took into account the complexity and uncertainties of the environment, promoting constant interaction with the actors involved. Dynamic and interactive perspectives were used in the field of communication, with a global view of the actions, with a focus on improving the production and quality of indigenous coffee growing in the state of Rondônia. Just as they sought to work on breaking paradigms, knowledge and appreciation: of indigenous culture, coffee and the Amazon.

**Keywords:**

Indigenous coffee production, strategic communication, Robusta Amazonian

**Introdução**

O primeiro plantio de café no Brasil ocorreu na região Amazônica, próximo a Belém do Pará, no início do século 18. Uma muda de café arábica foi trazida clandestinamente pelo sargento-mor Francisco de Melo Palheta, a pedido do governador do Estado do Grão-Pará. Neste período, o café era um produto de grande valor comercial no mundo ocidental.

De acordo com o livro *Café na Amazônia*, publicado pela Embrapa Rondônia (Marcolan; Espindúla, 2015), só em meados dos anos 1970 o café voltou a ser cultivado comercialmente na Amazônia, especialmente no Estado de Rondônia, que teve suas terras colonizadas por migrantes de regiões tradicionais em produção de café, como Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo. Colonização incentivada e planejada pelo governo federal. A migração teve seu auge no período que compreendeu os anos de 1978 a 1990.

Os paranaenses e mineiros introduziram o café arábica e os capixabas o café canéfora – conilon e robusta. E foi esta espécie a que melhor se adaptou ao solo e clima rondonienses e às condições amazônicas. O cultivo do canéfora passou a ser a preferência dos produtores, por ser mais vantajoso, por questões de altitude e edafoclimáticas (clima e solo).

Atualmente, o Estado de Rondônia é o quinto maior produtor de café do país e o segundo maior da espécie canéfora, de acordo com dados da Companhia Nacional de Abastecimento – Conab (Conab, 2020). Rondônia também é o maior produtor de café da região Norte, responsável por 97% de todo o café produzido na Amazônia, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (IBGE, 2020).



A cafeicultura é uma das principais atividades agrícolas geradoras de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS para Rondônia. De acordo com dados do IBGE, a cultura é conduzida por cerca de 17 mil pequenos produtores, que tem o café como fonte de seu sustento. Estes cafeicultores representam quase um quinto de todos os estabelecimentos rurais de Rondônia, segundo dados do Censo Agropecuário de 2017. As lavouras estão em módulos com média de quatro hectares plantados. A base de toda a mão de obra é familiar e o processo de colheita é, em sua maioria, manual.

A cafeicultura do estado vem passando por transformações positivas nos últimos anos. Saindo de um nível quase extrativista para um mais tecnificado. Na última década, de acordo com dados do histórico da Conab, a produtividade do café em Rondônia teve um aumento de 350%, saindo de oito sacas por hectare, para 36. Já a área teve uma redução de 78%, quando comparada a área de café em 2001 e 2019. A expectativa de produção para a safra de 2020, segundo a Conab, é superior a 2,3 milhões de sacas, produzidas em 71 mil hectares, sendo 65 mil em produção e seis mil em formação.

Para os pesquisadores da Embrapa Rondônia, a cafeicultura deve ser conduzida de forma sustentável e ser uma aliada à preservação das florestas. Em seu artigo intitulado “Quem ama florestas, consome cafés sustentáveis”, o pesquisador da Embrapa, Enrique Alves, apresenta dados que demonstram isso. Ele defende que o café possui alto rendimento econômico por área, quando comparado a outros cultivos, e é uma boa opção para o sustento da família e sua manutenção no campo com qualidade de vida. O que significa menor pressão sobre a floresta e também pode evitar a prática de atividades ambientais predatórias ao meio ambiente.

Se há mais de 20 anos, no período de grande expansão territorial das lavouras na região norte, a produção do café era considerada de baixa qualidade e as plantas pouco produtivas, atualmente, com o incremento de tecnologias e o foco na produção com qualidade tem tornado o uso da terra mais eficiente e agregado valor ao produto final.

Trabalhos realizados pela Embrapa e parceiros já demonstraram que Rondônia, devido às suas características de clima, solo e seleção genética, é produtor de cafés robustas ou “arrobustados” – cruzamentos de cafés da espécie canéfora, variedades conilon e robusta, com predominância deste último. Como o estado é o maior representante da cafeicultura na Amazônia, o café produzido em Rondônia recebeu da Embrapa, a partir de 2016, o nome de Robusta Amazônico, que passou a representar o grão produzido no estado e em toda a região Amazônica, sendo adotado por demais instituições e pelo setor produtivo.



Segundo os pesquisadores da Embrapa, mais que um nome tecnicamente apropriado, esta identidade agrega valores como: sustentabilidade, inclusão social e qualidade. É o reconhecimento de um café que tem características únicas em uma região que não tem igual no mundo.

Neste contexto de produção sustentável e com qualidade de Robustas Amazônicas, diversos atores do setor produtivo ganham força e passam a ser reconhecidos. Entre eles, os indígenas. A convite da liderança da Terra Indígena Rio Branco, de Alta Floresta D'Oeste, em 2017, a Embrapa Rondônia iniciou um trabalho com foco no incremento de tecnologia para melhorar a qualidade dos cafés que já produziam. O que refletiria na melhoria da qualidade de vida dessas populações, assim como em sua inserção social – demanda antiga desse conjunto de etnias remanescentes no país.

Assim, teve início um projeto de transferência de tecnologia da Embrapa Rondônia, denominado “Produção sustentável de cafés especiais em terras indígenas na Amazônia”, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Agricultura de Alta Floresta D'Oeste, e apoio da Funai, para levar aos cafeicultores indígenas técnicas de manejo, colheita, pós-colheita e seleção de cultivares adequadas para a região Amazônica e à forma de produção indígena. Esta ação teve início em fevereiro de 2018, com três famílias das etnias Tupari e Aruá, na Terra Indígena Rio Branco, no município de Alta Floresta D'Oeste. O projeto ganhou força em 2019 e, por meio de parceria público-privada e agregando demais instituições, passou a atender mais de 120 famílias de diversas etnias que já cultivavam o café em Rondônia.

Para promover a troca de conhecimentos e a adoção de boas-práticas recomendadas pela Embrapa para a colheita e pós-colheita do café, assim como estabelecer um fluxo de informações com foco na produção com sustentabilidade e qualidade, o uso da comunicação como ferramenta estratégica foi fundamental. Tanto entre os indígenas como também deles para com outros produtores que atuam com o mesmo foco no estado.

A interação com (e não para) a sociedade é fundamental, conforme nos adverte Bordenave (1980). Neste sentido, a comunicação no meio rural é vista como um conjunto de fluxos de informação, de diálogo e influência mútua entre todos os atores envolvidos no processo. A comunicação é parte de um processo educativo e de sensibilização, tornando-se mais eficiente e participativa no desenvolvimento dos trabalhos. Neste caso, teve como foco a melhoria da produção e qualidade da cafeicultura indígena no Estado e



atuou também na quebra de paradigma, na promoção do conhecimento e valorização: da cultura indígena, do café e da Amazônia.

As ações para a produção de Robustas Amazônia sustentáveis e com qualidade, desenvolvidas junto aos indígenas fazem parte, inicialmente, de um projeto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Rondônia, que foi ampliado pelo Grupo empresarial 3 Corações, somando mais parceiros e sendo denominado Tribos. As ações de comunicação neste processo contam também com apoio do Projeto “Interação, Intercâmbio e Construção do Conhecimento e Comunicação nos Projetos do Fundo Amazônia – Amazocom”, componente do Projeto Integrado Amazônia, executado no âmbito do Fundo Amazônia, iniciativa gerida pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em cooperação com o Ministério do Meio Ambiente.

Na sequência apresentamos as ações de comunicação utilizadas neste projeto com foco na quebra de paradigmas, sensibilização e na adoção de tecnologias com o objetivo de melhorar a qualidade dos cafés indígenas no estado de Rondônia, atrelado à valorização da cultura deste povo e à preservação da floresta.

### **A cafeicultura indígena no estado de Rondônia e as ações desenvolvidas**

Segundo a Fundação Nacional do Índio – Funai, os indígenas de Rondônia estão entre os poucos do país que cultivam o café como forma de obtenção de renda. A cafeicultura indígena no estado não é novidade. A etnia Paiter Suruí, do município de Cacoal, realiza a atividade há mais de 30 anos e os Aruás, Tuparis e outras etnias da Terra Indígena Rio Branco, de Alta Floresta D'Oeste, cultivam o café há mais de 15 anos. Estes indígenas mantêm contato com as cidades próximas já há anos.

No entanto, os indígenas não aplicavam técnicas de manejo na lavoura e boas práticas de colheita e pós-colheita para a produção de cafés com qualidade. Estes grãos eram vendidos de forma comum, como commodities. Há relatos de lideranças indígenas de Alta Floresta d'Oeste de que os preços eram até inferiores ao preço de mercado e aos demais cafés comercializados com o mesmo perfil na região.

Atentos ao movimento que estava ocorrendo em Rondônia, em prol da produção de valorização dos cafés com qualidade, o líder da Terra Indígena Rio Branco, Dalton Tupari, no final de 2017, durante um evento que tratava da produção de Robustas Amazônicas em Rondônia, buscou a Embrapa para pedir apoio, com o objetivo de mudar



a realidade dos cafeicultores indígenas, saindo da condição de produtores de cafés comuns para a produção com qualidade, especiais, ou finos.

Com foco na produção de café com sustentabilidade e qualidade, na valorização da cultura indígena e preservação da floresta, a Embrapa Rondônia, em parceria com a Secretaria de Agricultura de Alta Floresta D'Oeste (Semagri) e apoio da Funai, iniciou um projeto de transferência de tecnologias para a produção sustentável de cafés de qualidade especial. Assim, surgiu um produto que agrega valor devido à sua qualidade intrínseca e sua origem, os Robustas Amazônicos indígenas.

Já no início de 2018, foram selecionadas três famílias de produtores das etnias Aruá e Tupari, que começaram a receber as primeiras visitas técnicas e treinamentos específicos quanto ao cultivo do café. O foco inicial foi na pós-colheita, um dos principais gargalos da cafeicultura, em Rondônia e no Brasil. Com ênfase na sustentabilidade, foram construídos secadores solares, os conhecidos terreiros suspensos, e os indígenas começaram a colocar em prática conceitos que já lhe são familiares: a coleta de frutos maduros e a seleção dos mais saudáveis e bem formados.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o início dos trabalhos com a produção de cafés especiais renovou nesses indígenas a preocupação com o meio ambiente e reforçou a vontade de ser sustentável. A adoção de tecnologia e boas práticas foram aliadas ao processo de evolução em sua agricultura, mantendo o respeito à sua tradição e em harmonia com a floresta. Este movimento, segundo o pesquisador da Embrapa, Enrique Alves, fez com que eles desistissem da praticidade dos herbicidas em prol da capina mecânica e passaram a proteger o solo com adubação verde nas entrelinhas.

Os indígenas são também coletores e conservadores de sementes e frutos. Possuem em sua tradição o respeito e o cuidado com a terra e o meio ambiente. Eles têm uma forma simples de agricultura e são seletivos na colheita dos frutos da floresta. Estas características destes povos, segundo a Embrapa, são também fundamentais para um produtor de cafés especiais, o que fez dos indígenas potenciais produtores de cafés com qualidade.

Segundo a Embrapa, o projeto se baseou no conceito de que a agricultura sustentável pode ajudar a proporcionar o equilíbrio entre a obtenção de recursos financeiros, melhoria de vida nas aldeias e a preservação da floresta. Nesse contexto, para o pesquisador Enrique Alves, a cafeicultura é uma opção adequada. Pois, se adapta tanto a cultivos a pleno sol quanto arborizado e possui alta rentabilidade por área, resultando





em menor dependência de grandes lavouras para proporcionar a viabilidade do módulo produtivo.

Já no primeiro ano, o projeto rendeu bons frutos. O primeiro microlote de 10 sacas produzido pelo indígena Valdir Aruá, da Terra Indígena Rio Branco, conquistou, em 2018, o 2º lugar no concurso estadual de qualidade do café em Rondônia – Concafé e o 20º lugar no concurso nacional *Coffee of the year* – Conilon e Robusta. Este café foi comercializado ao dobro do preço da commodity tradicional.

Estes bons resultados chamaram a atenção do Grupo 3 Corações, maior empresa de cafés do Brasil, que adotou esse trabalho e lançou o projeto Tribos, iniciativa que tem como principal objetivo valorizar o trabalho que indígenas produtores de café estão realizando no coração da floresta amazônica e, com isso, dar protagonismo a eles. O projeto fomenta um desenvolvimento sustentável amparado em três pilares: o protagonismo indígena, a proteção da floresta e a produção de café de qualidade.

Com o projeto Tribos o conhecimento técnico e o modelo de trabalho criado pela Embrapa Rondônia é replicado para mais de 120 famílias indígenas do Estado, localizadas nas Terras Indígenas Rio Branco, em Alta Floresta D'Oeste; e Sete de Setembro, no município de Cacoal. O projeto conta também com a parceria da Funai, Emater-RO e Secretaria Municipal de Agricultura de Alta Floresta D'Oeste, assim como o apoio da Câmara Setorial do Café do Estado de Rondônia.

O projeto engloba iniciativas de capacitação para dar acesso às melhores práticas na produção de cafés de qualidade. É respeitado o modo de produção indígena com intercâmbio de conhecimentos e adoção de tecnologias e práticas recomendadas pela Embrapa. Nas aldeias, o trabalho com café envolve a família toda e, em muitas delas, é realizado em mutirão, em que uma família ajuda a outra sempre que necessário, trabalham juntas, fortalecendo o coletivo, já tradicional para estas comunidades. Destaca-se nesse contexto a atuação das mulheres, que têm se destacado no processo de colheita e pós-colheita, quando é necessário mais cuidado na separação dos grãos por cores e dedicação e cuidado na secagem. Elas são muito atentas durante as capacitações e costumam ter mais habilidade e somam ao processo, principalmente nestas etapas. Isso é visto com naturalidade pelos indígenas, que já tem nas mulheres as condutoras da agricultura nas aldeias, enquanto os homens são mais direcionados à caça e serviços que exigem força.

O Grupo 3 Corações também está investindo na infraestrutura necessária nas aldeias para viabilizar a produção dos cafés. Além disso, com foco na sustentabilidade,



reconhecimento e valorização do trabalho, a empresa comprou 100% dos cafés cultivados nas duas Terras Indígenas, pagando diferencial por qualidade.

A compra ocorreu de duas formas. A primeira foi por meio do lançamento da 1ª edição do Concurso Tribos, um concurso de cafés de qualidade exclusivo para os povos indígenas em que foram premiados do primeiro ao quinto lugar, com premiação de R\$ 60 mil e pagamento por diferencial de qualidade. Além das premiações em dinheiro, o primeiro colocado teve o microlote de café comprado a R\$ 3 mil a saca; o segundo por R\$2 mil; e o terceiro por R\$ 1 mil. Todas as demais sacas de café produzidas foram compradas pagando-se diferencial por qualidade.

Os 64 produtores indígenas inscritos neste concurso tiveram suas amostras de café avaliadas por degustadores profissionais, que classificaram 61% delas como cafés especiais – notas acima de 80 pontos na classificação da Associação Americana de Café Especiais – SCAA. A produção de café indígena em 2018 atingiu 1.200 sacas na safra.

Estas ações foram de grande incentivo aos indígenas cafeicultores, já que eles passaram a ter não só a garantia de compra de 100% de sua produção, com pagamento a mais pela produção com qualidade, mas também um prêmio que valoriza o trabalho realizado, reconhecimento e valorização local e nacional. Os recursos advindos com a venda dos cafés foi um primeiro passo para a transformação da realidade destes cafeicultores em suas aldeias. O resultado do esforço de seu trabalho e valorização da sua cultura aliada à preservação da floresta. Estes cafés devem chegar ao mercado nacional em 2020 e o projeto continua com suas ações fortalecidas.

### **Metodologia - estratégia de comunicação**

Diferente do modelo de comunicação unilateral, que consiste no repasse de informações de um emissor a um receptor passivo, a metodologia adotada foi baseada em conceitos que se relacionam e que têm como base o diálogo e o processo participativo na construção do conhecimento.

As ações seguem as ideias de Juan Bordanave (1983) e corrobora também os conceitos do educador Paulo Freire (2013), que trata da educação como ato de comunicação, que implica no diálogo, em um processo que não se trata simplesmente de transferir conhecimentos, mas em promover um processo participativo.

Neste mesmo caminho partilha-se das ideias de Sandra Massoni (2013), e sua Metodologia da Comunicação Estratégica, ao defender que o comunicador deve atuar de maneira a promover um processo de comunicação participativo e estratégico. Para isso, é





preciso articular as práticas comunicacionais nas mais diversas interações sociais existentes, nos níveis micro e macro, promovendo o intercâmbio de saberes de modo a poder intervir de maneira estratégica. Sob uma perspectiva sociocultural, dinâmica e interativa, este profissional precisa atuar com uma visão global promovendo as interações entre os atores envolvidos no processo. Este novo modelo de comunicação estratégica trata a comunicação como um encontro sociocultural que deve levar em conta as complexidades e multidimensionalidades comunicacionais existentes.

A comunicação desenvolvida no projeto junto aos indígenas utilizou os conceitos explicitados acima, levando em conta a complexidade e as incertezas do ambiente, promovendo constante interação com os atores envolvidos e sendo participativa em todas as ações. Foram adotadas perspectivas dinâmicas e interativas, promovendo a visão global das ações que buscaram trabalhar as quebras de paradigmas, o compartilhamento de conhecimentos e a valorização: do indígena, do café e da Amazônia.

De acordo com Massoni (2007), o Modelo de Comunicação Estratégica aponta para três movimentos e sete passos a serem seguidos. O primeiro movimento é o da comunicação como informação até a comunicação como forma de se relacionar à diversidade cultural. Neste movimento, o passo inicial é superar o mal entendido de transferência do conhecimento; o segundo é reposicionar a metáfora dos canais de comunicação; o terceiro é explorar o retorno das mensagens enviadas aos atores, avaliar se as mensagens potencializam ou neutralizam ideias que já existiam, colocar-se no lugar do outro para reconhecê-lo e permitir sua participação no processo; no quarto, é preciso reconhecer as matrizes socioculturais dos atores envolvidos para que se possa lidar com as complexidades existentes.

O segundo movimento aborda a comunicação como espaço de relacionamento para a diversidade sociocultural, sendo assim, é transversal a todo o processo. O quinto passo é contar com equipes multidisciplinares para a boa condução do processo; o sexto é reconhecer os interesses e necessidades dos atores, já que a comunicação estratégica é promotora desta interação social.

O terceiro movimento deste modelo proposto por Massoni é da comunicação como uma mensagem a se transmitir até a comunicação como um meio que promove o diálogo sobre um problema e que este processo leve à transformação do espaço social, levando a uma determinada direção. Assim, o sétimo passo é o início do diálogo, levantamento dos problemas, os atores envolvidos e as soluções.



Como se pode perceber, a comunicação estratégica proposta por Massoni (2013) não é uma fórmula, uma receita fixa, mas um método flexível e que interage constantemente com o meio e os atores, levando em conta a heterogeneidade sociocultural e os obstáculos que impedem o alcance das transformações desejadas.

Neste estudo em particular a implementação da comunicação estratégica foi organizada em quatro principais ações. A primeira foi o estabelecimento de visitas periódicas à comunidade, para a realização de reuniões e ações técnicas. Nestes encontros, foi possível ouvir as necessidades, expectativas e a disposição dos indígenas às práticas que estavam para serem desenvolvidas.

A segunda ação foi a identificação dos canais de comunicação mais utilizados pelos indígenas. As reuniões e visitas técnicas proporcionaram essa definição, assim como também ajudaram a identificar a terceira ação, que se trata dos principais pontos a serem trabalhados em campo, na parte técnica, para a produção de cafés sustentáveis e com qualidade, identificando práticas que seriam mantidas e outras que precisariam ser adotadas.

A quarta ação foi a definição de mensagens principais que seriam veiculadas nas comunicações realizadas nos meios definidos que trabalhariam a valorização do indígena, da produção de café em harmonia com a floresta.

Para fins de análise, estabelecemos como grupo-focal os cafeicultores da Terra Indígena Rio Branco, de Alta Floresta D'Oeste. Foi empregado também o método de observação-participante, preconizado por Bronislaw Malinowski (1976), que permitiu a inserção e participação em ações e eventos deste grupo-focal no período de maio de 2018 e dezembro de 2019, o que permitiu compreender melhor a lógica que move essa comunidade.

## **Resultados e discussão**

As ações de comunicação desenvolvidas junto aos indígenas tiveram como base a constante interação e participação junto aos demais atores envolvidos no processo de produção de Robustas Amazônicas. Isso ocorreu por meio de visitas periódicas às aldeias, em dias festivos e também em dias comuns, favorecendo a convivência e a inserção na comunidade, sendo possível a observação dos processos de interação e também dos bastidores e ruídos que estavam ocorrendo no processo.



Tomando como base a Metodologia de Massoni (2013), o processo de comunicação levou em conta os fatores socioculturais locais. A comunidade já estava bem inserida na realidade do município há muitos anos e, em sua maioria, são evangélicos e frequentam igreja próxima. A inserção da religiosidade está presente nas músicas, danças e nos diálogos destes indígenas. Algumas tradições indígenas estavam se perdendo, como o uso de certos instrumentos musicais, de plantas medicinais e rituais. Interessante observar que a comunidade promove constante diálogo entre os indígenas e tudo é decidido em conjunto. A coletividade é uma característica forte e que é também empregada nos trabalhos em mutirão, que incluem as lavouras de café.

Neste contexto, a equipe da Embrapa Rondônia, que atuou diretamente com os indígenas, realizou reuniões, ouviu a comunidade e promoveu o trabalho com uma equipe multidisciplinar, formada por um pesquisador, um técnico e uma jornalista. Num primeiro momento foram levantados os anseios dos indígenas com a cultura do café, o modo de produção que utilizavam, aspectos da cultura e dos hábitos.

As técnicas adotadas para a percepção foram visitas técnicas e reuniões com a comunidade, quando os indígenas demonstraram interesse em aprimorar os trabalhos que vinham realizando em cafeicultura há mais de 15 anos, mas com um método de agricultura que beirava o extrativismo. Sendo assim, foram propostas novas práticas e tecnologias sustentáveis que, aos poucos, começaram a fazer parte do processo produtivo. Após avaliação em campo e muito diálogo, foi determinado, em conjunto, que seria necessário um trabalho que levasse em consideração a forma tradicional de agricultura realizada pela aldeia, estudo do ambiente produtivo e avaliação do potencial da qualidade dos cafés que produziam. Um projeto de cooperação mútua foi elaborado para incentivar uma cafeicultura com base em produção sustentável e qualidade de bebida.

As visitas técnicas realizadas e os diálogos promovidos demonstraram as principais demandas técnicas. Os principais desafios eram o desenvolvimento de um sistema de cafeicultura sustentável, e, principalmente, práticas de colheita e pós-colheita adaptadas à realidade indígena e que promoveriam a preservação da qualidade dos frutos. Os indígenas se mostraram muito abertos às novas informações e ensinamentos, diferente dos agricultores tradicionais, o que facilitou muito o andamento dos trabalhos. O método facilitou também à recepção dos técnicos e ao desenvolvimento das ações, baseado no trabalho em mutirão e o processo de coleta seletiva.

Cabe ressaltar que, num primeiro momento do projeto, três famílias indígenas quiseram fazer parte, definição realizada em conjunto entre comunidade e equipe técnica.



Os demais indígenas também acompanharam as ações e treinamentos realizados ao longo do ano, receosos ainda, assim como os resultados pontuais foram partilhados com toda a comunidade. Ou seja, mesmo não sendo diretamente atendida tecnicamente pelo projeto, toda a comunidade acompanhou o passo a passo das ações e fez parte das tomadas de decisão e na definição de mensagens e meios utilizados pela comunicação estratégica. No segundo ano do projeto, depois dos resultados obtidos, mais de 20 famílias desta comunidade começaram a fazer parte do projeto diretamente.

Outro desafio a ser superado no processo era o descrédito e o preconceito por parte da sociedade, no que diz respeito à capacidade empreendedora dos indígenas, o que por vezes serviram como fator de desagregação e desânimo para o trabalho e obtenção de novas parcerias. Uma vez vencidos os obstáculos técnicos, culturais e de inserção social, o produto café robusta amazônico produzido por indígenas teria um grande apelo junto ao mercado consumidor, principalmente, em grandes centros, que é ávido por produtos diferenciados e novidades.

As práticas empregadas no projeto foram ao encontro do desenvolvimento de um sistema de produção sustentável de café que pudesse ser replicado em outras comunidades indígenas ou mesmo tradicionais, como quilombolas, ribeirinhos e outros que tenham ênfase na sustentabilidade, qualidade e comércio justo. São ações que envolvem conservação do solo, manutenção da fertilidade natural, adubação verde, cobertura e proteção do solo contra erosão e preservação da macro e micro flora local.

O sistema tradicional dos indígenas de plantio em clareiras e com múltiplas culturas agrícolas e espécies arbóreas foi preservado. Práticas de manejo integrado de pragas e doenças foram incentivadas nas aldeias. Foi abolido o controle de plantas invasoras utilizando agroquímicos. A instalação de secadores solares foi adotada pois, além da preservação da qualidade dos frutos, é um meio sustentável, por não depender da queima de combustíveis fósseis ou madeira.

Analisados os aspectos técnicos do trabalho realizado, cabe situar a comunicação neste processo, que foi transversal e participante ativa em todas as ações. Seguindo modelo de Sandra Massoni (2013), a comunicação foi além do simples processo de transmissão de mensagens, pois buscou conhecer e se aprofundar na diversidade sociocultural existente, analisando os meios reconhecidos pela comunidade para transmissão de mensagens, respeitando a cultura local e analisando a forma de compreensão dos assuntos técnicos propostos, sempre com base no retorno obtido em cada ação realizada e ajustando mensagens e meios para as próximas. A comunicação



atuou como agente no processo de interação social, baseada no compartilhamento das informações obtidas, o que foi realizado junto a equipe multidisciplinar estabelecida.

O método de observador-participante, proposto por Malinowski (1976), foi fundamental para a inserção no ambiente e o reconhecimento de seus atores, seus anseios, adversidades e também diversidades locais, proporcionando a empatia e o processo participativo na construção das mensagens, para que elas estivessem intimamente vinculadas às transformações desejadas pela comunidade e demais atores envolvidos. As ações comunicacionais foram capazes de auxiliar no processo de solução dos problemas socioculturais encontrados, por meio dos diálogos proporcionados, os quais diziam respeito, principalmente, ao preconceito enfrentado pelos indígenas perante a sociedade e também a desvalorização de seus produtos e de sua forma de trabalho.

Estas ações também estão baseadas na proposta de diálogo e da troca de conhecimentos, que fazem parte da proposta do Projeto Interação, intercâmbio e construção do conhecimento e comunicação nos projetos do Fundo Amazônia – Amazocom, que apoiou ações de comunicação junto aos indígenas.

Para facilitar a interação dos atores envolvidos no projeto a comunicação estabeleceu uma rede de contato constante, por meio do aplicativo Whatsapp. Uma vez que a comunidade fica a mais de 600 quilômetros da sede da Embrapa, em Porto Velho, e o técnico local fica a 80 quilômetros, o aplicativo proporcionou o acesso destes indígenas aos técnicos para tirar dúvidas e acompanhar as ações por meio de fotos e vídeos.

A comunicação também utilizou a plataforma Facebook como ferramenta de divulgação contínua dos trabalhos que estavam em andamento. Como se trata de um meio de comunicação interativo, foi possível avaliar como as mensagens estavam sendo recebidas tanto pelos indígenas que possuem contas nesta rede social e que o utilizam com frequência, como pela sociedade, que passou a dar retorno imediato a tudo que era postado.

Com tais suportes informacionais disponíveis os indígenas foram incentivados a produzirem seus próprios conteúdos sobre as ações que estavam realizando no projeto, sendo protagonistas de suas ações e também na divulgação nas redes sociais de que fazem parte.

Os conteúdos veiculados aos indígenas pelo Whatsapp e Facebook tiveram dois focos: técnico e sociocultural. Para o conteúdo técnico, por meio de um trabalho multidisciplinar, foram produzidos pela jornalista do projeto dois vídeos com as



principais recomendações técnicas para a colheita e pós-colheita. Estes vídeos foram gravados na própria aldeia, durante treinamento, e com os indígenas atuando nas ações. Os vídeos auxiliaram no processo de multiplicação e fixação dos conteúdos dos treinamentos realizados *in loco*. O processo de produção dos vídeos e as mensagens sempre tiveram como foco o protagonismo indígena, o respeito à cultura e o intercâmbio de conhecimentos.

Os conteúdos com foco sociocultural tiveram como públicos-alvo os indígenas e também a sociedade local e nacional. O objetivo era valorizar e reconhecer o trabalho que estavam realizando, elevando nos indígenas a autoestima e a valorização de sua cultura. Na sociedade, o objetivo era buscar a quebra de paradigmas e preconceitos com relação ao trabalho indígena e também quanto à produção de café canéfora (robusta e conilon), que, por muitos, não era reconhecido como um café especial.

O retorno das mensagens postadas nos perfis no Facebook de integrantes do projeto mostraram que, mesmo os indígenas produzindo cafés há mais de 30 anos no Estado, muitos não sabiam desta ação. Demonstravam desacreditar da capacidade dos indígenas no desenvolvimento de atividades mais elaboradas, como, por exemplo, a adoção de técnicas de fermentação positiva, conhecida como “sprouting process”, utilizada por cafés campeões em qualidade.

Após quatro meses de divulgação das ações do projeto nos perfis de integrantes do projeto no Facebook e de análises e ajustes, a comunicação do projeto iniciou a divulgação nos meios de comunicação de massa, especialmente a TV. Com estas divulgações foi possível ampliar a visibilidade e a análise da recepção por meio da observação, especialmente nas postagens nas redes sociais, que refletiram o que era exposto na TV.

Mensagens como “Tem café na aldeia e é especial”; “A força de um povo se mede pelos frutos do seu trabalho”; “Cafeicultores há mais de 30 anos, agora os indígenas estão adotando tecnologias como “sprouting process” para a obtenção de cafés especiais” foram amplamente divulgadas nas redes sociais – Whatsapp e Facebook – e também para as emissoras de TV, juntamente com fotos e vídeos que mostravam a realidade do projeto, colocando sempre os indígenas como protagonistas, a história contada por eles.

Com o segundo lugar conquistado pelo cafeicultor Valdir Aruá, da Terra Indígena Rio Branco, no Concurso de Qualidade do Café de Rondônia – Concafé, o projeto tomou proporção maior quanto à visibilidade. A autoestima dos indígenas estava renovada, passaram dos bastidores para o protagonismo da cafeicultura no estado, servindo de



exemplo aos demais produtores de cafés especiais. Esta visibilidade extrapolou o local e chegou a todo o país, por meio de reportagem especial exibida no Jornal Nacional (Globo) e Fala Brasil (Record), em novembro de 2018. Neste período o projeto foi conhecido pelo Grupo 3 Corações e abraçado como causa social da empresa.

As ações de comunicação geraram impacto e os resultados extrapolaram o que estava planejado, foram rápidas e consistentes, gerando novas ações para o fortalecimento do projeto e da cadeia do café como um todo. A partir de então, em 2019, com a entrada do Grupo 3 Corações, o projeto foi ampliado, passando a atender também outras etnias que cultivam o café no estado, no município de Cacoal. Foi realizado um concurso específico para os cafés indígenas de Rondônia, envolvendo 127 famílias que participam do projeto Tribos e com resultados excepcionais nos cafés.

Com a entrada de novas comunidades e ampliação da atuação, a comunicação manteve a mesma estratégia e continuou transversal a todas as ações e participante também nos processos de decisão. A equipe do projeto aumentou, mas os direcionamentos mantiveram-se os mesmos. O diálogo é ferramenta fundamental e realizado por meio reuniões presenciais e também por meio do aplicativo Whatsapp.

O intercâmbio de conhecimentos foi ampliado com a entrada de novos grupos de técnicos e etnias com realidades socioculturais diferentes e isso tem sido levado em conta em todo o processo, desde a comunicação interna (entre técnicos e indígenas) e externa (para a sociedade). O projeto continua e as ações são constantemente analisadas pela equipe multidisciplinar e analisadas alternativas, ajustes e soluções em conjunto.



Figura 1 - O indígena Valdir Aruá e sua esposa na colheita seletiva do café. Eles ficaram em 2º lugar no Concafé 2018.



Figura 2 - À esquerda, o sagui, típico animal de estimação nas aldeias, passeia livre entre as lavouras de café e seleciona os frutos mais maduros. À direita, terreiro solar utilizados para a secagem do café para busca da qualidade na Terra Indígena Rio Branco.



Figura 3 - À esquerda, amostra de café do primeiro microlote de Robustas Amazônicos com qualidade e sustentabilidade produzidos pelos indígenas. À direita, a liderança indígena Dalton Tupari entrega amostra de café da aldeia para a especialista em cafés especiais



Figura 4 - Indígenas e parceiros do projeto participam de evento sobre a produção de cafés especiais.

### Considerações finais

As práticas comunicacionais adotadas neste projeto demonstram que o modelo de comunicação estratégica proposto por Massoni (2013) é fundamental para a



transformação de realidades, especialmente no trabalho com comunidades que possuem realidades socioculturais complexas e diferenciadas. Também corroboram a visão de Bordenave sobre a comunicação rural, em que o diálogo e a interação são as chaves para o processo educativo e de sensibilização na adoção de boas práticas e tecnologias.

A comunicação aplicada neste projeto se apoiou numa equipe multidisciplinar, foi participante e ativa em todo o processo e nas decisões. Levou em conta as complexidades envolvidas, as transformações que foram ocorrendo ao longo do processo, avaliando as ações de maneira global. Atou diretamente no apoio à adoção de boas práticas e tecnologias para a produção sustentável de Robustas Amazônicas com qualidade por indígenas e trabalhou, com meios e mensagens, em todo o processo a quebra de paradigmas, preconceitos e levou como conteúdos principais o conhecimento e a valorização da cultura indígena, do café de qualidade produzido na Amazônia e a preservação do meio ambiente. A comunicação estratégica nesta prática é um método de promoção da transformação social entrega de valor à sociedade.

Como se trata de um processo dinâmico, os ambientes e os atores envolvidos promovem mudanças constantes que precisam ser monitoradas para alinhamento das ações de comunicação – meios e mensagens. Para isso, é preciso que a comunicação faça uma nova imersão, com base na metodologia observação-participante, para conhecer melhor e interagir com as novas etnias que agora fazem parte do projeto para buscar formas de atuação que levem em conta essa diversidade. Isso vale para a comunicação e a equipe técnica que atua no projeto e que formam uma só equipe multidisciplinar.

É fundamental que a Embrapa e demais parceiros que atuam neste projeto compreendam que os bons resultados foram conquistados até o momento com base no diálogo, respeito e acompanhamento constante das dinâmicas do ambiente e socioculturais que envolvem todos os atores deste trabalho. Estas ações são promotoras de transformações sociais e pela troca mútua de conhecimentos que promovem podem tanto enriquecer as comunidades indígenas com conhecimentos técnicos como humanizar a atuação dos técnicos em suas áreas de atuação. É um novo olhar para o outro, para a sociedade e para a aplicação da ciência.



## Referências bibliográficas

ALVES, Enrique. Artigo - Quem ama florestas, consome cafés sustentáveis. 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/52441270/artigo---quem-ama-florestas-consome-cafes-sustentaveis>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação?. Editora: Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2013. 16ª Edição.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976

MARCOLAN, A. L.; ESPINDULA, M. C. (Ed.). Café na Amazônia. Brasília, DF: Embrapa, 2015.

MASSONI, S.. Modelo de Comunicación Estratégica. Versão de Três Movimentos e Sete Passos para comunicar estrategicamente, 2007.

\_\_\_\_\_. Metodologias de la comunicación estratégica: del inventário al encuentro sociocultural. Rosario: Homo Sapiens Ediciones. 2013.

SILVA, Nayra Grazielle da. MÜLLER, Liziany. Comunicação rural: evolução X potencialidades. Revista do Centro do Ciências Naturais e Exatas – UFSM, Santa Maria. V.19, nº1.